



Espiritualidade protestante no pensamento de João Amós Comenius

Protestant spirituality in the thought of John Amos Comenius

Edson Pereira Lopes

Pós-doutorando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, ex-diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP - Brasil, e-mail: enttlopes@gmail.com

Resumo

Nos últimos anos têm crescido o interesse pelo estudo da espiritualidade entre as religiões em geral. É comum encontrar diversas literaturas a esse respeito, a partir das mais diferentes perspectivas religiosas. Dentre os protestantes, esta discussão tem sido alvo de intenso debate e uma relevante indagação é se esse termo deve ser empregado pelo protestantismo. Percebe-se, todavia, que esse termo aparece na história do pensamento protestante. Assim, este artigo tem como objetivo, a partir do protestante João Amós Comenius, a quem devemos a sistematização das ciências educacionais, oferecer uma abordagem do assunto, tendo como fundamento sua obra, *O labirinto do mundo e o paraíso do coração*.

Palavras-chave: Espiritualidade protestante. História do pensamento protestante. Labirinto do mundo. Reformadores. Comenius.

Abstract

In recent years has been growing interest in the study of spirituality among religions in general. It is common to find a variety of literature on the subject, from the most different religious perspectives. Among Protestants, this discussion has been the subject of intense debate and a relevant question is whether this term should be used by Protestantism. It is clear, however, that this term appears in the history of Protestant thought. Thus, this article aims, from the Protestant John Amos Comenius, to whom we owe the systematization of educational sciences, offer an approach to the subject and is based upon his work, Labyrinth of the world and the paradise of the heart.

Keywords: *Spirituality protestant. History of protestant thought. Labyrinth of the world. Reformers. Comenius.*

Introdução

A proposta da discussão em torno da espiritualidade do protestantismo¹ justifica-se pelo crescente interesse em torno desta temática (LOPES, 2011). Alguns protestantes, tais como, Hans Burki, James Houston, Eugene Peterson, Alister McGrath e Richard Foster, têm se debruçado sobre esse assunto e assinalado a proeminência da espiritualidade como contribuição vital para a igreja de hoje (SILVA, 2011, p. 1).

No estudo dos pensadores cristãos citados acima, percebe-se que eles explicitam a espiritualidade não como proposta de doutrinadores que somente falam sobre Deus. O que se deseja, com a espiritualidade protestante, é ter uma real comunhão com Deus, conforme o texto de Jó, capítulo 42, versículo 5: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram”; daí as palavras de Houston:

¹ Termo que possui origem na Reforma, e ao longo do tempo recebeu a contribuição de diversos movimentos, como anabatismo, puritanismo, pietismo, avivamentos do século 18, sociedades missionárias, fundamentalismo, pentecostalismo e o neopentecostalismo e missão integral.

[...] há, hoje, uma grande falta de liderança e orientação espirituais no mundo evangélico. Os católicos podem ver o exemplo da Madre Teresa de Calcutá, e os da Igreja Ortodoxa, o dos mártires anônimos da Rússia moderna, mas os protestantes evangélicos, em grande medida, são secularizados na sua política, na sua obsessão com o crescimento [...]. A perda da prática da oração, a ignorância das ricas tradições da espiritualidade [...] são desafios dignos da mais séria consideração [...] (HOUSTON, 1990, p. 67).

Suas palavras reforçam a protuberância desse assunto no meio protestante, colocando-o na mais alta consideração.

Espiritualidade: uma das tônicas do protestantismo

Certos círculos do protestantismo preferem não utilizar o termo “espiritualidade” porque, para eles, pode prover uma compreensão enganosa, relacionada exclusiva e diretamente ao asceticismo religioso (HOUSTON, 1990, p. 62). Essa compreensão, porém, é reducionista do termo (VARENNE, 1989, p. 35).

Há dificuldades em utilizá-lo, pois não são raros os casos em que é empregado para abranger literaturas esotéricas (SELL; BRÜSEKE, 2006, p. 17). Outra situação que resulta em sua resistência é que “[...] sendo o cristianismo hoje um composto de inúmeras tradições, o que para determinada Igreja constitui legítima postura de espiritualidade, para outra pode não o ser” (CAVALCANTE, 2007, p. 21). Talvez esta seja uma forte justificativa para o intenso investimento de certas editoras protestantes evangélicas em literaturas cristãs que espelham a autoajuda, porém, divulgadas como interpretativo de “espiritualidade”.

Em razão disso, alguns protestantes tecem críticas àqueles que se propõem experimentar a espiritualidade, uma vez que, para alguns destes, tal ação é “uma tentativa de elevação espiritual sem a teologia bíblica, uma tentativa de buscar a Deus por parte de quem já desistiu da doutrina cristã, das verdades formuladas nas Escrituras de maneira proposional” (LOPES, 2011, p. 2). Salienta-se, porém que a espiritualidade, conforme o entendimento protestante e em alguns círculos católicos, não pode ser confundida

com esoterismo e êxtase místico (BORRIELO et al., 2003); tampouco com qualquer grupo ou pessoas que desistiram da teologia bíblica.

Há de se perceber que os mais diferentes segmentos do protestantismo estão cada vez mais conscientes quanto ao declínio na vivência de seus adeptos, talvez influenciados pelo secularismo, às questões sagradas, daí ser mister sublinhar com mais seriedade a devoção a Cristo (HOUSTON, 1990, p. 60). Espiritualidade, a partir desse pressuposto, pode ser entendida como busca por uma vida cristã fundamentada nas práticas devocionais, a partir do ensino bíblico, desenvolvidas com vistas a nutrir e sustentar o relacionamento do cristão com Cristo (McGRATH, 2008, p. 20-21). Calvino, ao discutir a vida cristã, não assinala um cristianismo externo, aprendido por meio da razão e da memória, única e exclusivamente, e sim o que toca a alma e “penetra no mais profundo do coração” (CALVINO, 2003, p. 25).

É evidente sua tônica na espiritualidade, ao afirmar: “A menos que nossa fé ou religião promovam uma mudança em nosso coração e em nossas atitudes nos transformando em novas criaturas, não nos será de muito proveito” (CALVINO, 2003, p. 25). Ele ainda explicita: “com muito mais razão os cristãos deveriam detestar aqueles que têm o Evangelho em seus lábios, porém não em seus corações” (CALVINO, 2003, p. 25).

Nessas palavras, percebe-se em Calvino a busca por uma religião que vivencia, com todo o coração, uma intensa e profunda devoção a Cristo. Infere-se daí que o protestantismo, a partir de João Calvino, não pretere a espiritualidade, pelo contrário, ela é parte do pensamento da Reforma e da Pós-Reforma, daí a declaração de fé de Silva (2011, p. 3): “Sim, sou um reformado evangélico: ‘Sola Scriptura’, ‘Sola Gratia’, ‘Sola Fide’, ‘Solus Christus’, ‘Soli Deo Gloria’. E aberto para aprender e integrar a espiritualidade [...] em minha experiência cristã”.

Não é tarefa difícil perceber a preocupação protestante com a espiritualidade (GEORGE, 1993, p. 48) na leitura das obras dos primeiros reformadores: Martinho Lutero, João Calvino (GEORGE, 1993, p. 47, 48) e Zwínglio (VYNAY, 1992, p. 106-115). O mesmo pode ser dito dos Puritanos, na leitura, por exemplo, de uma das principais obras do movimento, escrita por John Bunyan (1628-1688), *O Peregrino* (LATOURETTE, 2006, p. 1116) e do Pietismo alemão (LOCHMAN, 1998, p. 2). Conforme observou Howard e Sterk, no final dos séculos XVI e XVII,

a espiritualidade protestante centrou-se no Puritanismo e no Pietismo (HOWARD; STERK, 1998, p. 9).

Porque a espiritualidade permeia o protestantismo é que Alister Mcgrath a conceitua da seguinte forma: “A espiritualidade cristã, pode, então, ser compreendida como a maneira pela qual indivíduos ou grupos cristãos buscam aprofundar sua experiência com Deus” (McGRATH, 2008, p. 21). A partir dessa perspectiva é que João Amós Comenius, apesar de pouco lembrado por alguns seguimentos do protestantismo, muito tem a contribuir com o tema.

Por diversas razões, o presente artigo está delimitado a uma das mais célebres obras de Comenius (CAULY, 1995, p. 87), *O labirinto do mundo e o paraíso do coração* (1623)², porque ela sublinha a espiritualidade cristã como fundamento da teologia genuína. Evidencia-se a relevância desta obra para o protestantismo europeu quando num estudo comparativo percebem-se as semelhanças e paralelos entre *O Peregrino* (1678) e *O Labirinto do mundo* (HOWARD, STERK, 1998, p. 9), provavelmente, porque John Bunyan conheceu a obra comeniana e por ela foi motivado. A leitura atenta das duas obras dará uma clara concepção do texto de Comenius em Bunyan (BUNYAN, 2008). Além disso, ela foi relevante para o movimento pietista alemão e, depois de inserida no *Consultatio* (LOPES, 2006, p. 302) foi preservada em Halle, centro do Pietismo alemão, por causa de sua ênfase na espiritualidade cristã (LOCHMAN, 1998, p. 2).

Contexto em que *O labirinto do mundo e o paraíso do coração* foi escrito

A obra foi escrita no significativo ano de 1623. Em seu contexto próximo está o massacre da “Montanha Branca”, ocorrido em 1620, que dizimou a Morávia (KULESZA, 1992, p. 13). Vinte e sete líderes moravianos foram decapitados; outros encarcerados ou exilados (LOPES, 2006, p. 110). “[...] o povo foi forçado a aceitar o catolicismo, sendo obrigados a

² Esta obra, publicada em 1631, foi dedicada a Carlos de Zerotín em 1623. Preferiu-se manter a obra da escrita e não da publicação porque a data de 1623 reflete de forma mais adequada as razões da escrita comeniana.

se expatriar os que não obedeciam a esta ordem” (LORENZ, 2010, p. 9). Como resultado dessa imposição, 36 mil famílias saíram da Morávia, preferindo o exílio à infidelidade a suas convicções, oriundas de John Huss (1369-1415), sobretudo, dos hussitas-taboritas (LOPES, 2007, p. 33-58).

Sérgio Covello, ao citar Comenius, narra como foi esse êxodo:

Trinta e seis mil famílias saíram da Boêmia e da Morávia, fiéis às suas convicções. A população checa diminui oitenta por cento. A guerra causa horror em Comenius: Quantos seres humanos mortos – deplora. Quantos presos! A quantos ceifou a fome, a peste, o frio, a amargura, o medo, o horror! Quantos templos foram tomados! Quantos sacerdotes banidos! Quantas famílias empobrecidas, das classes elevadas, como das classes baixas. E quantos se desviaram coagidos pela prisão e pelas torturas, ou vítimas de enganos astutos. E não há neste mundo esperança alguma de melhoras [...]. Terminam as guerras, mas outras se seguem e a peste nada nos deixou senão algumas cidades despovoadas. Mas que digo, deixou-as? Ainda as continua a devorar. Em tudo há uma carestia nunca vista; impostos e tributos superiores às possibilidades humanas pesam sobre nós, e não só as autoridades como também a soldadesca saqueiam-nos à vontade e, o que é pior, sobre corpos e almas imperam a tirania e a violência (COVELLO, 1999, p. 40, 41).

Nota-se que, a partir dessa Batalha, a Boêmia foi completamente devastada e a esperança de que o príncipe protestante Frederico V (1596-1632) conseguisse reedificá-la tornou-se impossível, pois o monarca foi desamparado pelos príncipes protestantes – dentre eles, Jaime I (1566-1625), seu sogro –, que observaram passivos a destruição daquele país. Entristecido com esses acontecimentos, Comenius se tornou o embaixador de seu povo e realizou várias viagens para buscar asilo aos Irmãos Morávios.

Entregou-se ao estudo de obras teológicas e pedagógicas semelhantes à de Wolfgang Ratke (1571-1635), Johan Valentim Andreae (1586-1654) e outros, tendo a esperança de que a guerra acabasse logo e a Boêmia renascesse das cinzas graças à introdução de um adequado sistema educacional. A educação seria o meio para alcançar a paz e pôr fim à guerra, visto que ela seria “a salvação para a corrupção do gênero humano” (COVELLO, 1999, p. 14, 15) e a maneira de fazer do homem paraíso de delícias do criador.

Com essa esperança, em 1623, após ser abrigado pelo nobre Carlos Zerotín³ (1564-1636), Comenius escreveu o *Labirinto do mundo*, uma dos clássicos da literatura checa (LOPES, 2006, p. 115). A obra serviu de consolo aos exilados Irmãos Morávios, os quais no seu triste êxodo cantavam: “Nada conosco levamos, pois nada temos, só a Bíblia de Králice, e o Labirinto do Mundo” (CONVELLO, 1999, p. 48, 49).

À luz do contexto histórico em que *O labirinto do mundo* é escrito, concebe-se que a espiritualidade preconizada por Comenius está de acordo com Jesús Espeja, isto é, a espiritualidade “não admite a fuga para outro mundo separado e independente do que agora temos” (ESPEJA, 1994, p. 27). Infere-se que, a espiritualidade cristã comeniana não se fundamenta no isolamento social, porque envolve a existência humana em sua totalidade, e não pode ser vivenciada fora das relações sociais.

Ao contrário disso, a espiritualidade se apresenta na existência humana, quando esta se depara com situações de desconfiança na vida e na história, “sem a qual ninguém vive e nenhuma sociedade pode subsistir” (BOFF; BETTO, 1996, p. 7) ou quando há alguma reivindicação não implementada pelo Estado ou não reconhecida pela sociedade. Quando o direito é violado ou não realizado, surgem as manifestações em favor das classes menos favorecidas; do direito à satisfação mínima das necessidades básicas da vida, da saúde, do trabalho, da moradia, dentre outras exigências fundamentais (BOFF; BETTO, 1996, p. 8).

O Labirinto do mundo, em vez de alienar os morávios de sua realidade, buscou revelar a situação, conforme sua concepção, em que a sociedade daqueles dias se encontrava e como eles deveriam por meio da espiritualidade consolar aquele triste quadro, daí suas próprias palavras encorajadoras ao dedicar a obra a Carlos de Zerotín:

Não ousaria eu, Ilustríssimo Senhor, neste tempo tão turbulento e cheio de inquietações molestar Vossa Excelência nem com esta carta, quanto menos com a dedicação de um livro, se não fosse daquele gênero de escritos que são destinados a encorajar os ânimos e tranquilizá-los em Deus (COMENIUS, 2010, p. 15).

³ Zerotín, por não haver participado da insurreição, teve autonomia para dar abrigo a muitos dos Irmãos Morávios em seu território (LOPES, 2006, p. 113), em seu asilo e esconderijo em Brandeis.

Espiritualidade protestante de João Amós Comenius

O labirinto do mundo e o paraíso do coração é composto de 55 capítulos e é dividido em duas partes: a primeira descreve o ludibrios e as vaidades do mundo, os quais conduzem ao pranto; a segunda retrata a verdade e sólida felicidade dos filhos de Deus e que os bem-aventurados são os que abandonam o mundo e as coisas mundanas para viver com Deus e se unir a ele nessa comunhão (COMENIUS, 2010, p. 15).

O texto se fundamenta na alegoria de um peregrino que tinha a finalidade de buscar a profissão que poderia lhe trazer maior tranquilidade e felicidade (COMENIUS, 2010, p. 19). Em sua jornada, encontra o seu guia, de nome Ubíquo e mais adiante, encontra Mámeni, que em checo significa “Engano” (COMENIUS, 2010, p. 21, 22). Esses são os companheiros do peregrino em sua viagem pelo mundo. O Engano coloca nos olhos do peregrino um óculos, por meio do qual ele enxergará todas as coisas: “E eu te faço presente destes óculos, pelos quais olharás o mundo” (COMENIUS, 2010, p. 23). Eles eram feitos de vidro da Opinião, e a sua armação era de um chifre, denominado Costume (COMENIUS, 2010, p. 23). Isso feito, os três dispõem-se à viagem. Chegam ao Castelo da Fortuna, onde encontram a residência da Rainha da Sabedoria e as classes sociais, constituídas de: domésticas, operários e industrialistas; eruditos, sacerdotes; administradores e governantes do mundo e a classe dos nobres e guerreiros (COMENIUS, 2010, p. 25).

Após sua viagem, na procura de felicidade, a esperança do peregrino se esvai, conforme sua afirmação: “Vejo que em lugar da justiça reina a injustiça, e em lugar da santidade a abominação” (COMENIUS, 2010, p. 23). Sua atitude diante da situação foi a de fugir do mundo:

Já vejo que o mundo não haverá nada melhor! Toda a minha esperança já se esvaeceu! Ai de mim [...]. Prefiro mil vezes morrer a estar aqui e olhar a iniquidade, falsidade, mentira, ilusão e crueldade que aqui reinam. A morte já me é mais desejável do que a vida [...] (COMENIUS, 2010, p. 131).

É a partir dessa constatação que podemos identificar pontos da espiritualidade protestante expressos no pensamento de Comenius.

Deus toma a iniciativa de estabelecer relação de união íntima com o ser humano

O peregrino, por não encontrar descanso em lugar nenhum, clama a Deus: “Oh, Deus, oh Deus, oh Deus! Se és um Deus, tem dó de mim, miserável que sou!” (COMENIUS, 2010, p. 132). O peregrino ouviu então uma voz atrás dele que dizia: “Volta para trás [...] Regressa para lá de onde saíste. Volta ao aposento do teu coração, entra e fecha a porta” (COMENIUS, 2010, p. 133). Ele compreende que essa voz é de Deus. Mas, ao entrar no aposento do seu coração, encontrou-o escuro, sujo, coberto de poeira, de maneira que nenhuma luz podia entrar. Após algum tempo ele viu uma clara luz e percebeu se tratar de Jesus e este lhe disse: “Sê bem-vindo, sê bem-vindo, meu filho e querido irmão!” E dizendo-o, abraçou-me amistosamente e beijou-me. [...]. Disse-me ainda, ‘De fato, desde a eternidade, sempre até hoje sempre foste e serás meu, mas não sabia’” (COMENIUS, 2010, p. 134).

Comenius explicita em suas palavras que, em sua concepção, um dos principais fundamentos da espiritualidade protestante se alicerça no reconhecimento humilde de que a iniciativa em tirá-lo da situação de confusão e miséria parte de Deus e não do ser humano. Esse princípio pode ser visto no momento em que o peregrino inicia sua jornada e é abordado por Ubíquo, que se apresenta como seu guia. No início ele dizia confiar em Deus na empreitada da viagem, mas se deixa convencer de que sem um guia, além de Deus, jamais poderia proceder de modo correto no labirinto do mundo. Ele inicia a jornada acreditando em si e em seus companheiros, mas ao término da viagem, reconhece seu estado de confusão e miséria, e por isso roga misericórdia a Deus (COMENIUS, 2010, p. 20).

Não é sem motivo que Comenius faz menção, no episódio do encontro do peregrino com Deus, à Parábola do Filho Pródigo. Segundo Joaquim Jeremias, quando o filho pede seus bens, o que estava em questão era o desejo do filho de que o pai morresse, pois, só depois da morte do pai é que ele receberia sua herança (JEREMIAS, 1986, p. 130). O filho saiu de casa para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens. Após perder tudo, passar profundas humilhações, ao cair em si (Lc 15: 16, 17),

lembra da casa do pai e toma a atitude de voltar. O relato de Lucas revela que, o filho, ainda estando longe, foi avistado pelo pai (Lc 15: 20), que se compadeceu dele, correu ao seu encontro, o abraçou e o beijou (JEREMIAS, 1986, p. 130-131). O filho de sua parte reconheceu seu erro. A partir de então, há grande alegria naquela casa (Lc 15: 21-23).

Observa-se que o pai é quem vê o filho e toma a iniciativa de encontrá-lo. Comenius, igualmente, deixa explícito que Deus é quem toma a iniciativa de ir ao encontro do ser humano, ao afirmar:

Estava eu afastado de Ti, ó Deus, eterna doçura; mas Tu, comiserando-te de mim, a mim Te chegaste; eu estive errado, mas Tu me mostraste o verdadeiro caminho; eu me perderei a Ti e a mim, mas Tu me reconduziste a mim e a Ti mesmo. Viera eu até as amarguras do inferno, mas Tu, agarrando a minha mão, conduziste-me até as delícias celestes (COMENIUS, 2010, p. 168).

Pelo fato de Deus tomar a iniciativa de encontrar o ser humano, Comenius assevera que ele foi resgatado por Deus enquanto ainda estava no labirinto do mundo: “Fui novamente conduzido ao Labirinto do Mundo até ser resgatado pelo meu Deus que me pôs de volta no ponto onde eu tinha tomado o caminho errado” (COMENIUS, 2010, p. 87). E, um pouco antes, quando tratou da confusão entre os religiosos e da salvação, ele ressalta que a salvação e toda a vida cristã está assegurada somente pela iniciativa de Deus em plantar nos seres humanos a fé: “É verdade que na vida dos cristãos, e até mesmo na dos teólogos, há mais incongruência [...]. Também é verdade que, ainda que os cristãos vivam com perversidade, eles morrem bem, já que a salvação humana não está baseada nos feitos, mas sim na fé” (COMENIUS, 2010, p. 84). Em sua concepção, a salvação ocorre pela fé e não por méritos ou obra: “Se a fé for verdadeira, não há quem não alcance a salvação desejada [...]. Basta que tenham fé verdadeira” (COMENIUS, 2010, p. 84).

Outro ponto relevante que exprime a espiritualidade protestante no pensamento de Comenius é a centralidade das Escrituras.

A centralidade e autoridade das Escrituras

Um dos princípios fundamentais do protestantismo é a defesa da centralidade das Escrituras na vida do fiel. Tal fundamento pode ser encontrado nas leituras de Martinho Lutero (1995, v. 5, p. 330) e João Calvino (2003, p. 22) e em toda a história do protestantismo (BIÉLER, 1999, p. 45). Igualmente, Comenius acentua a relevância das Escrituras quando sublinha seus ensinamentos a respeito da espiritualidade. Ele tece severa crítica ao clero de sua época porque seus integrantes eram preguiçosos e preocupados mais com suas próprias questões do que no esmero do estudo e ensino das Escrituras:

Infelizmente os vi roncando, deitados preguiçosamente em leitos de pensas, sentados atrás das mesas e empanturrando-se de comida [...]. Passavam o menor tempo possível com a Bíblia, alguns mal a pegavam, mas mesmo assim se autodenominavam ‘os pregadores da palavra’ (COMENIUS, 2010, p. 81).

Após essa crítica e o encontro do peregrino com Cristo, a aquele é dado a Bíblia. Ela deveria ser o centro de sua existência e todas as suas ações deveriam se firmadas; conforme sua afirmação: “Dou-te este livro em lugar de todas as bibliotecas, nele encontrarás todas as artes. Tua gramática será a contemplação das minhas palavras. Teus dialetos, a fé [...]; tua ciência, a investigação de meu trabalho” (COMENIUS, 2010, p. 137). Para não deixar dúvidas quanto à sua compreensão de que as Escrituras deveriam ocupar lugar central na vida do fiel, ele explicita: “[...] a verdadeira fonte do conhecimento são as Sagradas Escrituras” (COMENIUS, 2010, p. 164).

Na concepção de Comenius, os óculos que o fiel deveria utilizar para enxergar o mundo era a Palavra de Deus que era a armação e a lente que é o Espírito Santo (COMENIUS, 2010, p. 142). Tal pressuposto está em acordo com uma das bases fundamentais do protestantismo, que se refere ao ensino do sacerdócio universal, no qual sublinha que cada crente é intérprete único responsável perante Deus: “[...] cada crente está sujeito à autoridade única e universal da Palavra de Deus, e é seu próprio sacerdote. É um sacerdote leigo, pode-se dizer,

plenamente responsável por sua vida espiritual [...]” (BIÉLER, 1999, p. 51-52). O sacerdócio universal só é possível pela presença do Espírito Santo em sua vida, capacitando-o para interpretar as Escrituras de forma correta. A compreensão das Escrituras sem auxílio de qualquer clérigo é ressaltada no pensamento comeniano, quando o peregrino recebe de Cristo a Bíblia, com a afirmação de que ele por si mesmo pode entendê-la: “Dou-te este livro em lugar de todas as bibliotecas [...] terás todo este conhecimento, não para ser visto (pelos outros), mas para que possas permanecer mais perto de mim” (COMENIUS, 2010, p. 137).

A tônica de Comenius, com isso, não explicita apenas o conhecimento teórico das Escrituras, mas também um Cristianismo prático, já que o professor do fiel é o Espírito Santo que o conduz a Cristo, razão e centro da fé (COMENIUS, 2010, p. 164): “E entrei naquele templo, cujo nome era Cristianismo [...]. O santuário em que entrei tinha a denominação: ‘A prática do Cristianismo’” (COMENIUS, 2010, p. 164). O cristianismo prático deveria propiciar ao fiel ter comportamento diferente do encontrado no labirinto do mundo que é, por sua vez, perverso: “O mundo é perverso em toda a parte, agarra-se a sombra ao invés da verdade” (COMENIUS, 2010, p. 148). O cristão que busca a prática do cristianismo tem comportamento diferente:

[...] ele entrega tudo [...] às necessidades do próximo. Onde quer que ele possa ser útil ao próximo não hesita, nem demora; não tem pena de si, não exagera os serviços que prestou e não os lembra ao próximo em tom de censura; nunca desiste. Receba gratidão ou ingratidão, continua servindo em silêncio e com alegria. [...] realiza com prazer e boa vontade os mais baixos serviços de que se envergonham aqueles que estão intoxicados pelo mundo (COMENIUS, 2010, p. 148).

Nesse mesmo contexto, a concepção protestante comeniana exprime o espírito sempre presente no protestantismo, desde sua origem, a saber, o cristão se “submete a Deus apenas, para ser livre em tudo o mais” (COMENIUS, 2010, p. 148, 149) e “esta é a melhor maneira de honrá-lo” (COMENIUS, 2010, p. 148).

Renúncia de si mesmo e as coisas terrenas

Outro princípio que expressa a espiritualidade protestante no pensamento de Comenius é a renúncia de si mesmo e das coisas terrenas. Do peregrino é exigido:

Visto na ordem do casamento como aqueles que se apaixonam abandonam tudo para se entregarem uns aos outros. Faça tu o mesmo: sacrifica tudo, até a ti mesmo e entrega inteiramente a mim. Assim serás meu, e tudo ficará bem (COMENIUS, 2010, p. 136).

É dito ao peregrino: “Considera fútil todas as atividades, pois somente uma coisa é necessária: a graça de Deus” (COMENIUS, 2010, p. 136). O peregrino deve depender inteiramente de Deus e renunciar a todas as coisas por Jesus, pois, ele é o remédio para as enfermidades; sem ele até mesmo o medicamento se torna veneno (COMENIUS, 2010, p. 137):

Então, meu filho, para resumir, digo-te que se possúes riquezas, erudição, beleza, inteligência, graça entre as pessoas e o que mais for considerado de sucesso no mundo, de maneira que alguma hás de te ostentar por conta disto. E se não possúes nada destas coisas, não hás de te preocupar [...]. E assim, livrando-te de todos os seres mundanos e negando e renunciando até a ti mesmo, prometo: hás de encontrar-me, e, em mim, a plenitude da paz (COMENIUS, 2010, p. 140).

Para Comenius, o cristão deve renunciar a si mesmo e as coisas terrenas. Lutar contra o diabo, o mundo e a carnalidade. Corroborando o autor de *O labirinto do mundo e o paraíso do coração*, seguindo o ensinamento de Cristo, que a porta é estreita e só entra por ela quem estiver disposto a ter Deus e a sacrificar as demais coisas. Em sua concepção, muitos não têm uma união íntima com Deus e não gozam das delícias dessa união porque não desejam abrir mão de suas posses ou de seus aprendizados, alegando serem tais coisas importantes para chegarem ao céu, assim ficam do lado de fora (COMENIUS, 2010, p. 143): “Vi os eruditos estudiosos das Escrituras e muitos outros que desejavam ser sagrados andando em volta dali [...]. Mas, o brilho do mundo estonteava-as mais e saíam dali” (COMENIUS, 2010,

p. 143). Diante do que viu, exclama o peregrino: “Espantava-me ver indivíduos que não se incomodavam em carregar os inúteis fardos mundanos conhecidos por sabedoria, glória, prazer e fortuna (pois, de fato, são nada mais do que fardos) [...]” (COMENIUS, 2010, p. 144).

Uma advertência deve ser feita no estudo da espiritualidade no pensamento comeniano. Não se deve pensar que *O labirinto do Mundo* tem como finalidade única o consolo, pois como afirma Cauly (1995, p. 89): “Ela se apresenta como peça-chave de uma obra de consolação que se enraíza nos acontecimentos da Boêmia e na realidade da ocupação e da repressão”. Inferre-se daí que a renúncia pregada por Comenius nas suas obras de consolação e edificação não significava um abandono dos assuntos desse mundo, nem a negligência dos seus deveres para com os exilados (CAULY, 1995, p. 101). Ao contrário, ele era um homem envolvido nas vicissitudes de seu tempo. Ele oferecia resistência à ocupação desencadeada pela política de recatolizar a Boêmia por parte dos Habsburgo. Por isso, Cauly, ao comentar esse intento de recatolização da Boêmia, ressalta que Comenius jamais hesitou em aderir à luta contra a ocupação, e em segredo auxiliar, a resistência checa contra política católica da Casa de Áustria na Boêmia e na Morávia (CAULY, 1995, p. 102).

“A consolação, nesse sentido, refere-se à paciência e não à passividade, pois, para Comenius, o caminho para a interioridade não dispensa o homem do cumprimento dos seus deveres neste mundo, mas o conduz ao envolvimento junto ao seu semelhante” (LOPES, 2006, p. 116). Lopes, ao relembrar três obras comenianas – *Enchiridion biblicum*, *O abandono pela morte* e *A prensa de Deus* – escritas entre os anos 1623 e 1627, portanto, no contexto de *O labirinto do Mundo*, declara: “Deve-se, pois, dizer que esses textos difundidos clandestinamente são testemunho, mesmo para além do seu conteúdo edificante, de uma resistência à opressão e à inquisição tão presente naqueles dias” (LOPES, 2006, p. 117).

Em Comenius, a “verdadeira” devoção deveria poder afrontar o mundo, porém, ninguém poderia percorrer o caminho da espiritualidade a partir do seu interior, sem passar pela descentralização do eu e o encontro com Deus (CAULY, 1995, p. 105). A partir da espiritualidade brotada do interior, o cristão tem coração inabalado, de maneira que não está preso nem a amigos, nem a inimigos, nem a senhores ou reis, nem a

si mesmo. “Por causa deles, o cristão não será desviado de seu propósito de temor a Deus. Ao invés, ele prossegue [...]. Não se deixa abalar por nada que o mundo faça, diga, ameace, prometa, comande, suplique, advirta ou obrigue” (COMENIUS, 2010, p. 147, 148).

Dito isso, é necessário focar atenção no ponto basilar da espiritualidade comeniana: o encontro pessoal com Deus, que, segundo ele, só pode ocorrer no interior do coração.

Encontro pessoal com Deus no interior do coração

O ápice da compreensão comeniana a respeito da espiritualidade é o encontro pessoal com Deus no interior do coração. No texto de *O Labirinto*, a preocupação de Comenius é mostrar que há muitos ludibrios e vaidades no mundo, os quais transformam grandes esforços do ser humano em algo sem valor. Por outro lado, sua ênfase está em revelar sua descoberta para a verdadeira e sólida felicidade dos filhos de Deus (COMENIUS, 2010, p. 15). Ao se valer da figura do peregrino, Comenius, revela que em seu encontro com Cristo aprende que ele é templo do Deus vivo e que Deus preparou para si, seu coração. Segundo a narrativa, o peregrino somente encontraria alegria e felicidade, não nas coisas externas, mas no interior do seu próprio coração, uma vez que este é o lugar em que se pode encontrar Deus: “[...] conduzi-te a ti mesmo, fazendo-te entrares no teu interior porque é no teu interior que escolhi meu palácio para nele residir [...]” (COMENIUS, 2010, p. 134).

No interior do coração há duas luzes: a da razão e a da fé, ambas, porém, devem ser guiadas pelo Espírito Santo (COMENIUS, 2010, p. 144). Embora os cristãos devessem deixar de fora e renunciar à razão, esta lhes foi devolvida pelo Espírito Santo, sendo, mais refinada e polida. Isso faz com que o cristão veja em todo o mundo e em todas as coisas as pegadas e a glória de Deus: “[...] um Cristão vê, ouve, toca, cheira e saboreia a Deus, tendo em seu âmago a certeza de que tudo não é apenas suposição, mas a verdade real” (COMENIUS, 2010, p. 144).

Quanto à fé, entende Comenius que ela brilha no interior do cristão, para que ele possa ver e conhecer, não só o visível, mas também o

invisível, sobretudo o que está registrado nas Escrituras: “[...] revelou Deus, em sua Palavra, o que existe em cima no céu nas alturas, o que existe embaixo da Terra no abismo, o que havia antes de existir o mundo e o que haverá depois dele” (COMENIUS, 2010, p. 145). Como resultado da fé na Palavra de Deus, ele afirma: “Por acreditar nisso, os Cristãos veem a tudo como imagens claras diante de seus olhos [...]” (COMENIUS, 2010, p. 145). A luz da fé brilha nele e o torna capaz de reconhecer as verdades imutáveis, nem sempre vistas pela luz da razão. Por conseguinte, por meio dessas luzes, sobretudo, a da fé, o cristão tem o privilégio de enxergar todas as coisas na mais perfeita harmonia, como se fosse uma engrenagem por estarem todas as coisas debaixo da providência e vontade divina (COMENIUS, 2010, p. 146).

Considerações finais

Diante do exposto, no estudo da espiritualidade protestante, tendo como referencial a obra *O labirinto do mundo e o paraíso do coração*, de João Amós Comenius, ressalta-se que não há preocupação em distinguir os termos “mística” e “espiritualidade”, como Larkin (2003) e outros têm procurado fazer. Fica explícito que a espiritualidade deve ser compreendida como verdadeira união fundamentada no interior do coração do fiel, vivenciada com Deus de forma intensa, inefável, fruto da ação do Espírito (COMENIUS, 2010, p. 149). É no interior do coração que o fiel, retratado aqui como peregrino, recebe os ensinamentos de Cristo, isto é, coleciona riquezas interiores tais como a piedade e a iluminação (COMENIUS, 2010, p. 139). Assim, já não deve ansiar por glória e honrarias ou fazer conta das opiniões humanas que estejam contrárias a Deus, pois: “Geralmente amam o que é digno de repulsa e sentem repulsa pelo que vale a pena amar” (COMENIUS, 2010, p. 139). Como resultado dessa união, o cristão é inabalável e não se desvia do seu propósito de temer somente a Deus (COMENIUS, 2010, p. 147), comunicar-se e unir-se a ele.

Referências

- BIÉLER, A. **A força oculta dos protestantes**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- BOFF, L.; BETTO, F. **Mística e espiritualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BORRIELO, L. et al. **Dicionário de mística**. São Paulo: Paulus, Loyola, 2003.
- BUNYAN, J. **O peregrino**. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- CALVINO, J. **A verdadeira vida cristã**. 3. ed. São Paulo: Novo Século, 2003.
- CAULY, O. **Comenius: o pai da pedagogia moderna**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- CAVALCANTE, R. **Espiritualidade cristã na história**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- COMENIUS, J. A. **O labirinto do mundo e o paraíso do coração**. Trad. Waldomiro Lorenz. Bragança Paulista: Comenius, 2010.
- COVELLO, S. C. **Comenius: a construção da pedagogia**. São Paulo: Comenius, 1999.
- EVANGELHO de Lucas. In: Bíblia Sagrada. Nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.
- ESPEJA, J. **Espiritualidade cristã**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GEORGE, T. **Teologia dos reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- HOUSTON, J. M. Espiritualidade. In: ELWELL, W. A. **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 67. v. 2.
- HOWARD, L.; STERK, A. Introduction. In: COMENIUS, J. A. **The labyrinth of the world and the paradise of the heart**. Translated and introduced by Howard Louthan and Andrea Sterk. Ahwah: Paulist Press, 1998.
- JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.
- KULESZA, W. A **Comenius: a persistência da utopia em educação**. Campinas: Unicamp, 1992.

LARKIN, E. Espiritualidade. In: BORRIELO, L. et al. **Dicionário de mística**. São Paulo: Paulus, Loyola, 2003. p. 381-383.

LATOURETTE, K. S. **Uma história do cristianismo. (1500-1975 A. D.)**. São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2.

LOCHMAN, J. M. Preface. In: COMENIUS, J. A. **The labyrinth of the world and the paradise of the heart**. Translated and introduced by Howard Louthan and Andrea Sterk. Ahwah: Paulist Press, 1998.

LOPES, E. P. **A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2006.

LOPES, E. P. O milenarismo dos taboritas na boêmia do século XV e sua influência no pensamento de João Amós Comenius. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**. v. 5, n. 2, p. 33-58, 2007.

LOPES, A. N. **Por que não abraço a espiritualidade**. Disponível em: <<http://igrejapresbiterianadeesperanca.blogspot.com/2011/09/por-que-nao-abraco-espiritualidade.html>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

LORENZ, F. V. Prefácio. In: COMENIUS, J. A. **O labirinto do mundo e o paraíso do coração**. Trad. Waldomiro Lorenz. São Paulo: Comenius, 2010.

LUTERO, M. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5.

MARTIN, D. D. Misticismo. In: ELWELL, W. A. **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 533-537. v. 2.

McGRATH, ALISTER, E. **Uma introdução à espiritualidade cristã**. São Paulo: Vida, 2008.

SELL, C. E.; BRÜSEKE, F. J. **Mística e sociedade**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí; São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, O. L. **Reforma e espiritualidade clássica**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/320/a-reforma-protestante-e-a-espiritualidade-classica>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

VARENNE, J.-M. **Os cristãos místicos do ocidente**. Portugal: Publicações Europa-América, 1989.

VINAY, V. Protestantes e anglicanos. In: GOFFI, T.; SECONDINI, B. (Org.). **Problemas e perspectivas de espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 106-115.

Recebido: 31/05/2012

Received: 05/31/2012

Aprovado: 27/09/2012

Approved: 09/27/2012